

JORNAL DO MINHO

PROPRIETARIO—JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS.



1.º ANNO, 1875

Anuncios e comunicados
Por linha 20 réis
Repetições 10 »
Folha avulso. 30 »

SEXTA FEIRA 13 DE AGOSTO

Assignatura paga adiantada
Para Braga, por trimestre. 600 réis
Para as provincias. 725 »
Escritorio da redacção, campo de Sant'Anna n.º 66,
onde se recebem os annuncios e correspondencias.

NUMERO 64

Os cidadãos independentes eleitores do circulo de Braga escolheram para seu representante em côrtes o Exm.º Snr. Conde de Bertandos.

BRAGA 13 DE AGOSTO.

Promettemos hontem n'um supplemento narrar minuciosamente a grandissima vergonha porque passou, diante de muitos cavalheiros de todas as côres politicas, a primeira auctoridade do districto, que teve de presenciar a curta distancia de sua casa, a reunião de grande numero de caceteiros, que a ella mesmo declararam que estavam alli assalariados e por ordem d'um dos principaes amigos do governo, e deputado da nação.

Vimos cumprir a promessa. Narraremos esse attentado, o ultimo que podia cair sobre esta terra, e a sua gente honrada, sem uma consideração nossa, sem um commentario, sem uma phrase.

Apparecerá nú o facto inaudito, como um esqueleto.

Saiba-o o governo, saiba-o El-Rei, saiba-o a imprensa liberal, saiba-o Portugal inteiro.

A todos o contamos com a profundissima amargura de portuguezes livres que se vêem escarnecidos pela auctoridade nos seus mais santos direitos de cidadãos, e ameaçados pelo punhal e cacete dos homens alugados pelos maiores amigos do governo,—favorecidos e auctorizados pela imbecillidade do governador civil, e pela connivencia do conhecido administrador do concelho de Braga.

Compadecem-se d'esta terra os portuguezes que amam os seus irmãos affrontados. E' um grito de soccorro que saltamos.

Para todos appellamos.

Tinha dito o *Jornal do Minho* que alguns cavalheiros que trabalham pela candidatura do snr. conde de Bertandos, se viram ás duas horas da noite, quando se recolhiam mansos e pacificos para suas casas, na necessidade de pedirem auxilio á guarda da cadeia, porque bandos de caceteiros infestavam as ruas da cidade, com o proposito deliberado de os amedrontarem, e á cidade de Braga;

Disse mais o *Jornal do Minho*, que grande numero dos principaes cidadãos d'esta cidade fôra ao governo civil pedir garantias á primeira auctoridade, e responsabilisa-la pelo risco que corria a vida d'homens livres e honrados;

Disse mais o *Jornal do Minho* que o snr. governador civil respondera, que não conhecia esses tristes factos, e que déra a

sua palavra que manteria a ordem; que não estava livre de uma cilada, mas que cumpriria o seu dever.

Retiraram-se do governo civil esses cidadãos um pouco mais tranquillos, mas avisaram o acontecimento ao snr. ministro do reino, e telegrapharam para muitos jornaes do paiz.

N'essa noite percorreram as ruas patrulhas de cavalleria. Não appareceu um caceteiro. Tinha-se-lhes dado contra ordem, porque elles estão alugados até domingo, vencendo cinco tostões por dia, e tendo ordem franca para se embriagarem em algumas tabernas, cujos donos e nomes só desconhece o snr. governador civil e o snr. administrador do concelho.

Hontem soube-se que os assalariados tinham ordem de se reunirem n'um ponto que seria indicado, e ás onze horas da noite estava o bando a curta distancia da casa da primeira auctoridade!

Uma parte dos que ouviram na véspera, no governo civil, a palavra honrada do snr. visconde de Margaride, dirigiu-se com outros cidadãos a casa de s. exc.ª e exigiram-lhe que os acompanhasse para presenciar a vergonha e a infamia que se estava passando.

O snr. governador desceu, acompanhado de cavalheiros que estavam em sua casa.

O administrador do concelho fugiu, levando caminho opposto áquelle onde estavam réos de policia!!!

N'esta noite não houve patrulhas, a cidade estava, como é costume, inteiramente abandonada da policia, porque a pouca que temos estanceava á porta do snr. governador civil.

Os cavalheiros que subiram as escadas do palacete de s. exc.ª a convidado para ir pessoalmente ao meio dos caceteiros vê-los, ouvil-os e conhecel-os, foram os snrs. visconde de Pindella, conde de Bertandos, dr. José Joaquim Gomes de Araujo Alvares, José Rodrigues Braga, dr. José Brandão Pereira e Fernando Castiço.

Pediram estes cavalheiros ao snr. governador civil, que sem perda de tempo viesse a poucos passos de sua casa ver a affronta que era arremessada á capital do districto que administra.

Foi prompto o snr. governador civil a acceder ao pedido que lhes fizeram aquelles cavalheiros. Apenas chegou á porta, os cidadãos que alli aguardavam a deliberação de s. exc.ª correram a tomar as avenidas para evitarem que os malfetores se evadissem.

Os snrs. conde de Bertandos e Figueiredo correram para o largo das Carvalheiras assim de cortarem por aquelle lado a fuga; indo já no meio da rua, ouviram o snr. visconde de Pindella dizer aos caceteiros, em alta voz: — Digam, digam em voz alta quem os mandou para este logar?

Repetiu o snr. governador civil a mesma ordem, e os caceteiros, que se viam em face da auctoridade, e em presença de homens de bem, responderam: — QUE ESTAVAM ALLI POR ORDRE DO SNR. ALVES PASSOS, E ERA ELLE QUEM OS MANDAVA E LHE PAGAVA!!!

O snr. Alves Passos é deputado por Villa Verde.

Ouviram esta declaração os exm.ºs snrs. Jeronymo da Cunha Pimentel, Augusto da Cunha Pimentel, Joaquim Firmino da Cunha Reis, dr. João de Mendonça, Adolpho Pimentel, e outras pessoas cujos nomes nos não lembram, mas amigos do governo, e que estavam em casa do snr. governador civil a tractar de trabalhos eleitoraes.

A esta declaração os amigos do snr. conde de Bertandos interrogaram o snr. governador civil, para que lhes dissesse se estava ou não certo de que os caceteiros eram assalariados pelos amigos do governo. S. exc.ª respondeu: — ESTOU CONVENCIDO!

Depois, sendo instado para que prendesse aquelles homens suspeitos, e evidentemente assalariados, o snr. governador civil disse estas memoraveis palavras: — VA' CADA UM PARA SUA CASA, E SE AMANHÃ APPARECEREM MANDOS-METTER NA CADEIA.

O snr. governador civil não tinha ordem para prender os caceteiros!!!

Em presença d'este estado o snr. conde de Bertandos disse: — Vamos acompanhar a casa o snr. visconde de Margaride. — Venha, snr. governador civil, v. exc.ª vae acompanhado por homens de bem!

Foram effectivamente acompanhar o snr. governador pessoas de todas as côres politicas. Eis os nomes d'essas pessoas: — Conde de Bertandos, visconde de Pindella, José Borges, José Brandão, Vieira da Cruz, Figueiredo, Valladares, José Braga, José Freire, Vasco Jacome, Fernando Castiço, Gonçalo Antão, Custodio Amorim, Araujo Alvares e outros cujos nomes nos não recordam n'este momento.

Eis a historia fiel do acontecimento de ante-hontem ás onze horas e meia da noite, sem commentarios.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa 11 de Agosto.

(Do nosso corresp.)

As redacções dos periodicos da opposição que hontem receberam o telegramma expedido d'essa cidade, pelo snr. Silva Pereira, ficaram completamente indignadas pelo seu contheudo.

E' na realidade inacreditavel que o governo incumba ás auctoridades de promover disturbios, ameaçando os eleitores independentes, e sobresaltando um povo que livre e desassombradamente quer votar em quem

melhor e com mais dignidade pôde represental-o no parlamento.

O alarme espalhado nacidade pelos quarenta caceteiros que reuniram no sitio de Guadalupe, só tinha uma desforra. Era responder á ameaça e ao insulto com os violentos meios que ha para os castigar. Os assalariados que soffressem a pena lançada por um povo aggreddo nas suas liberdades, deviam merecer ainda sobre ella a ignominia de todos os seus concidadãos.

Os periodicos de hoje, declaram o profundo sentimento que se apoderou dos homens politicos da opposição, ao saberem que em Braga se estavam reproduzindo as scenas eleitoraes de 1845, epocha em que os eleitores eram levados até á urna em frente da bocca d'um revolver.

Veja o governo o que faz. Olhem que este procedimento pôde ter represalias de graves consequencias para o paiz. Não queiram deixar atraz de si, além de uma desgraçada situação financeira, uma dissensão que possa aggravar mais as calamidades d'um governo nefasto como o actual.

Disse eu em uma das minhas ultimas correspondencias que o sr. visconde de Valmor tinha accedido, a instancias de seus amigos politicos e principalmente dos chefes do partido, a candidatura pelo circulo de Lagos, em opposição ao sr. Cunha Belem, proposto pelo governo.

Circumstancias extraordinarias se dão agora que obrigam o sr. visconde a retirar a sua candidatura de accordo com o sr. José Luciano, a quem foi presente a resolução, na qualidade de presidente do centro, por ausencia do sr. Braamcamp.

O sr. Barros e Cunha, deputado eleito por dous circulos do Algarve e um dos cavalheiros que mais importantes serviços podiam prestar ao partido n'esta conjunctura, adoeceu victima de umas sezões pertinazes.

O resultado da enfermidade do sr. Barros e Cunha trouxe consequencias que, com quanto não tenham grande significação politica, concorreram para se dar a desistencia do sr. visconde.

Ha no circulo um individuo que mereceu sempre a confiança do sr. Barros e Cunha tanto em negocios politicos, como em particulares. O tal individuo a quem não bastaria a vida inteira para pagar os favores que deve ao sr. Barros e Cunha, recibidos em muitas e bem graves circumstancias, vendeu-os a si e áquelle de quem poude dispor, como negros.

Teria sido talvez annullada a influencia do homem vil e ingrato, se o sr. Barros e Cunha, tivesse podido apparecer na localidade a desmascarar aquelles que, além de tudo mais, é ingrato.

Ainda assim a candidatura do governo é disputada pelo sr. Neves, juiz de direito da Aldeia Gallega.

Corre um processo na comarca de Alameda, em que é accusado o guarda da alfandega, Thomaz dos Santos, de falta de respeito ao sr. inspector do Lazareto, José Antonio M. ia.

As peças do processo indicam que o guarda que havia estado em serviço no Lazareto tinha tido livre pratica e houvera obtido em seguida transferencia para fôra d'aquelle estabelecimento. A communicação deste facto ao sr. inspector, feita pessoalmente pelo guarda, foi accollida com palavras asperas e insultos á sua honestidade e moralidade, comparando-o com os depravados e immoraes.

O guarda apenas replicou que respeitava o sr. inspector por ser seu superior,

mas que elle empria com zelo e bons exemplos os seus deveres.

Apoz estas palavras o sr. inspector mandou encerrar debaixo de prisão, durante 48 horas, o guarda, na quarentena n.º 1, misturado com passageiros suspeitos de febre amarella!!!

No depoimento das testemunhas apresentadas pelo sr. inspector, não houve a mais simples accusação ao guarda; ao contrario, serviam-lhe de defeza as testemunhas que o sr. inspector apresentou de accusação, e o sr. juiz mandou soltar o guarda, ordenando ao mesmo tempo que o auctor d'esse novas testemunhas.

O sr. inspector tem andado em procura de quem faça a accusação ao guarda, mas até agora não consta que tivesse achado alguém.

Vejam, pois, que serie de destemperos, de arbitrariedades e de malevolencias, praticadas pelo sr. José Antonio Maia. A intolerancia, o despotismo, a ignorancia e ausencia de bom senso, são predicados do caracter do sr. Maia, individuo que não pôde, sem vergonha do nosso paiz, continuar na inspecção do Lazareto.

A Democracia tem feito varias accusações ao sr. inspector, por causa dos diferentes ramos de serviço do Lazareto, e principalmente pelo que respeita à hospedaria; e a proposito conta que recebera uma correspondencia, que é um protesto assignado pelo sr. Ferreira de Sousa, do Porto, passageiro do Iberia, e por outros muitos, contra o serviço da hospedaria.

E' bem sabido que nos livros das quarentenas existem sollemnes declarações, de que a meza da hospedaria, além de ordinaria pela qualidade da comida, é pessimamente adubada.

O accordo e boa amizade em que parece andarem o sr. inspector e empregario da hospedaria, nunca permittiu que o serviço melhorasse, e que os passageiros fossem attendidos nas suas rogativas; e o que é para lamentar é que o *Jornal do Commercio* de accordo esteja tambem na mesma camaradagem dos dois senhores de barão e cutello, do Lazareto.

Foi publicada no *Diario* de hontem a portaria que manda abrir concurso por 15 dias para a adjudicação da empreza do theatro de D. Maria 2.ª por espaço de um anno. O programma do concurso não tem differença dos que anteriormente se abriram, excepto no prazo de tempo, porque se faz a adjudicação, que é de um anno, quando era de tres.

— Os chefes das repartições do ministerio da fazenda obtiveram despacho favoravel na sua pretensão, sobre a isenção do pagamento de direitos de mercê, na melhoria que tiveram nos seus vencimentos, quando elles foram igualados aos dos chefes das demais secretarias de estado. Não sei quaes foram os fundamentos do pedido, o que sei é que houve favor; breve explicarei o caso.

A. C.

Penella 3 de agosto.

(Do nosso corresp.)

Para tornar mais variada a leitura do *Jornal do Minho*, pedimos venia á illustrada redacção para dar noticia das occorrencias mais notaveis d'esta Ribeira, outr'ora tão fallada e hoje sepultada no esquecimento.

A penultima circumscripção judicial e as alterações e reformas na viação matoram em grande parte a vida e animação d'este fértil torião, todavia ainda crêmos no seu engrandecimento e regeneração.

E' de certo a illm.ª camara municipal que terá grande parte n'esta empreza, promovendo quanto antes a abertura da estrada districtal que ligue por estes sitios os dous districtos e dê communicação para Hespanha. Então veremos melhores dias para este antigo concelho.

Ha diversas pretensões a respeito da direcção da estrada em que se falla, todavia umas peccam por absurdas e outras por desnecessarias, e seja-nos permittido dizer que a unica que nos parece racional e economica é a que, fugindo dos extremos, pozer os povos em melhores condi-

ções. Assim, optamos pela direcção que, tocando na Portella, aproveite ás freguezias superiores e inferiores e siga pelas vertentes dos montes da Mourenta para Revenda e Villa Verde. Por este plano todos ficam satisfeitos, e a Ribeira de Penella remoga immediatamente.

— Na freguezia de Goães foi nomeada por escolha da illm.ª camara municipal uma commissão para syndicar da assiduidade do professor, composta dos snrs. Manoel de Jesus, Luiz d'Azevedo da Portella e parochos da freguezia de Goães.

E' para louvar a lembrança da illm.ª camara municipal; porém professores como o de Goães não carecem de quem lhe recorde o dever, porque é um dos poucos que n'este concelho cumpre o que manda a lei.

— No mercado quinzenal da Feira Nova, em Riomau, o milho tem conservado um preço subido, e não ha esperanças para baixa rapida.

— Já se vêem uvas maduras pelos campos, e tudo promete abundante colheita.

— Pessoa bem informada affirmamos que os devotos e mais festeiros do Senhor do Bom-fim, que se venera em Goães, se esmeram para fazer grandes festas para o proximo mez.

— Diz-se por aqui que vae ser despachado escrivão de fazenda para Fafe o antigo escrevente de igual repartição em Villa Verde, Manoel das Pereiras Villachão.

E' digno de tudo o sr. Villachão, tanto pelas suas maneiras como pela sua reconhecida aptidão.

Ao agraciado e fafenses a nossa felicitação.

— Os parochos d'esta Ribeira já estão dispondo os freguezes para o jubileu annunciado ha tempos.

— Tem sabido d'aqui muitas pessoas a fazer uso de banhos.

— A Nova Empreza de Trens de Braga principiou carreira para Ponte do Lima. O serviço corresponde aos creditos do estabelecimento.

— Por hoje nada mais. Z.

Pico de Regalados 4 d'agosto

(Do nosso corresp.)

Festejou-se no domingo proximo passado a imagem de Santa Anna nas freguezias de S. Miguel de Prado e Passó, a pequenas distancias desta villa.

O nosso bom povo concorreu, como sempre, áquellas romarias, rendendo os seus cultos á Mãe da Virgem; porém não reinou o socego que era para desejar, porque em ambas as localidades correu sangue, resultante de pancadas sobre pancadas.

Está passando a moda o patentear-se em taes occasiões a força dos musculos, desacatando escandalosamente a religião e desprestigiando a auctoridade.

Todos conhecem os cabecilhas, e por isso bom seria que se dêssem providencias terminantes para acabar a intolerante mania das desordens nas romagens.

— Uma das testemunhas intimadas para depor acerca dos ultimos attentados contra o arrematante do paçal de Gomide não compareceu, por estar entevada, perante a auctoridade judicial, e esta, visto não haver justificação oportuna da parte d'aquella, procedeu e mandou passar mandado de prisão para um destes dias a desobediente responder em audiencia de policia correccional!

Eis os effeitos dos discursos dos snrs. parochos gritando contra a desamortisa-

ção e arrastando os povos a praticar crimes!

E' sem duvida o responsavel de todos os prejuizos causados em Gomide o pastor da freguezia, que recommendamos ao Exm.º Arcebispo Coadjutor, não como sal da terra e luz do mundo, mas como o prototypo da malvadez clerical, de que ha muito está dando provas.

— O illm.º reitor do lyceu de Braga continúa na inspecção e visita das escolas.

Passou hontem n'esta povoação para ultimar a tarefa de que está incumbido.

E' um cavalheiro muito attencioso, delicado e prudente. Deus queira que a sua inspecção fructifique.

— Consta que a exm.ª camara nomeára para as diferentes escolas do municipio uma commissão permanente de pessoas escolhidas nas respectivas freguezias, para velar pelos professores.

Se forem pontuaes no cumprimento das suas obrigações, pôde ser que da sua inspecção resultem beneficios para a instrucção.

— O preço dos cereaes não tem baixado, não obstante a entrada de provisões para o reino e cabeça do districto.

— Os milhos não estão maus, e se o tempo calmoso continuar o anno não será faminto.

Nos ultimos dias tem se desenvolvido o mal nos cachos d'um modo assustador, com especialidade nos de certas qualidades.

De fructas temporões ha escassez.

— Já apparecem no mercado bastantes melancias, ainda por sazonar algumas.

— Os montes d'Aboim da Nobrega promettem abundancia de caça. Que as posturas munipaes se cumpram, é nosso ardente desejo, porque todos lucram e . . . caçam.

— Os visinhos da Barca já tem entre si o sr. Rocha Peixoto, que regressou de Lisboa no 1.º do corrente. As noticias porém de comarca com séde na Barca, que s. ex.ª dá, ou dão como suas, não são lisonjeiras e deixam vêr até que não ha esperanças d'emancipação. Como é volúvel e inconstante a fortuna! hontem jubilo e regalario, hoje tristeza e decepção! O *Diario* trará o desengano. Até lá apparecer ha sempre que esperar.

— As arrematações dos bens das egrejas n'essa cidade parece que estão sustentadas até outubro, e assim muitos parochos por aqui ainda colhem os fructos (alguns) no presente S. Miguel.

Até outra vez.

Villa Verde 5 de agosto.

(Do nosso corresp.)

Foi despachado juiz de direito da nova comarca d'urique o exm.º delegado do procurador regio n'esta comarca, Guilherme Marcellino da Costa Ramos, ornamento da magistratura portugueza, tanto pela sua illustração e intelligencia, como pela dedicacão severa aos trabalhos da sua competencia.

S. exc.ª deixa saudades a este povo, que sempre o teve como funcionario honesto e probó.

Escusado é dizer-se que tarde aqui virá quem exceda o antigo advogado e administrador d'essa cidade.

Receba, pois, o novo juiz e familia os parabens do povo de Villa Verde pela nova graça que lhe foi conferida.

— O illm.º Antonio de Campos, da casa de Silvares, esteve em perigo de vida, por m vae melhor.

— Foi transferido d'aqui para Braga

o illm.º Antonio Gonçalves Branco, escripturario da fazenda.

A transferencia do sr. Branco foi muito sentida por todos, porque s. s.ª, docil e affavel para todos, era muito estimado e considerado.

Ha muitos pretendentes ao logar do sr. Branco, e esperamos que o contemplado tome por modelo aquelle que vae substituir.

— A vereação municipal mandou proceder á construcção e reparo da estrada que conduz a Revenda. Será bom que promova eguaes melhoramentos, porque todos tem equal direito para serem beneficiados.

— Lembramos d'aqui á camara de Amares a urgente necessidade de reparar os poços e casas de banhos de Caldellas, que tão beneficas e concorridas estão sendo, quanto despresiveis se mostram! Parece que a camara municipal de Amares não reconhece estas proficuas nascentes na área de sua administração!

— Em Barbudo solemnizou-se no 1.º do corrente, com grande pompa, a milagrosa imagem de Sant'Anna, cuja reza a Igreja no dia 25 de julho.

Rondon e fez por manter a ordem uma força d'infanteria 8, porém quando recolhia a procissão houve comêgo de desordem, que foi suffocada a tempo.

— O sr. administrador do concelho tomou de novo a vara no dia 26 do passado. Oxalá que s. exc.ª continue na estrada do sr. Ribeiro, que foi bastante assiduo no cumprimento dos seus deveres.

— O ultimo mercado foi muito abundante: os cereaes subiram de preço e o gado suino deu baixa.

Uma força de cavalleria percorreu o terreiro da feira e manteve nos seus limites os desordeiros.

— Lembramos ao sr. administrador que não é lindo permittir que os officiaes a seu cargo percorram todas as romarias, não se importando com as suas obrigações e fazendo parte de grupos desordeiros.

— O secretario da administração tem sido incansavel com os seus amanuenses na prevençao de tumultos por causa dos cereaes, e a elles se deve em parte a ordem que tem havido nos mercados antes de reunir gente.

— O exm.º sr. arcebispo de Vermoim, abade de Soutello, tem dado grande desenvolvimento ás obras do sanctuario da Senhora do Allivio, erecto na mesma. Dentro em poucos annos estará concluido um templo que illustrará para sempre a gerencia de s. exc.ª rev.ª

— Ficamos por aqui.

Item 6.

(Do nosso corresp. W.)

Não costumei nunca declinar a responsabilidade dos meus escriptos e das minhas acções. Não foi nunca meu costume roubar a outrem a gloria que lhe cabe, quer por seus escriptos, quer por outros feitos.

Tomai em todo o tempo, e ainda hoje tomo a responsabilidade que me cabe em todos os meus escriptos e em todos os actos da minha vida publica.

Vem a proposito estes periodos, o constar-me que alguém, para certos fins, me quer fazer passar por auctor de varias correspondencias d'esta localidade publicadas no *Jornal do Minho*.

Porque conheço que os fins que tem em vista os intrigantes são pouco leaes e indecorosos, e tem a mira na realisacão de certos projectos que entendem a minha humilde pessoa lhes neutralisa, lan-

cam mão d'este vil meio para me indisponer com alguém para assim melhor conseguirem o que lhes é difficil pela deficiencia de probidade e de habilitações.

Estes camelhões, que tudo ambicionam; que ao mais alto aspiram subir, não se lembram que são demasiadamente conhecidos para poderem realizar os seus sonhos, enganando os outros.

E, na deficiencia de habilitações, de virtude, de honestidade e de tino, soccorrem-se á intriga, arma favorita dos fraços e dos miseráveis.

E porque nem pretendo apropriar-me de louros ceifados por mão estranha, nem subcarregar com alheia responsabilidade, declaro alto e bom som que não sabiram dos bicos da minha penna as correspondencias que d'esta terra tem sido dirigidas ao *Jornal do Minho*, com data de 7 e 9 de julho proximo passado, bem como da transcripta no referido jornal impresso no dia 3 do corrente mez.

E para que não reste duvida aos incredulos, e para desmascarar os intrigantes e tornar mais patente a sua má fé, rogo á illustrada redacção para que se digne, em seguida a esta, declarar se só eu, ou mais alguém d'esta localidade, collabora n'esta secção.

— Os desordeiros, os amigos de Barcho e espancadores de officio, quizeram dar ao sr. Padua uma demonstração de regosijo e uma prova do seu affecto por occasião de s. exc.^a assumir as funcções do seu cargo de administrador d'este concelho. Escolheram para isso o dia 1.^o do corrente, em que tiveram logar as romagens de Sant'Anna, nas freguezias de Barbudo e Santa Marinha de Oris, ou Passó.

Em ambas as localidades houve pancadaria de criar bicho e arrouça. Tiveram que lamentar-se bastantes ferimentos.

Em Barbudo, mesmo na presença do sr. A. de Padua, os desordeiros, de varapau em punho, principiaram o seu divertimento zurrindo uns nos outros a valer, e a não ser a intervenção da força armada, do commando do bravo e prudente official o sr. Castro, teriam que lamentar-se desgraças de vulto.

O sr. Castro, tendo acudido ao sitio da desordem e havendo-se como militar valente e corajoso, não só conseguiu terminar de prompto a desordem e conter em respeito os desordeiros, mas capturou o principal — o que deu causa á desordem — e que, mesmo na presença da auctoridade, derrubou com uma forte bordoadada um romeiro. E fazendo d'elle entrega ao sr. administrador do concelho, este, in continente, tendo sido prezo em flagrante delicto, deu-lhe a liberdade!!! Nem ao menos por consideração a quem o capturou, para exemplo e pôr em respeito a moral publica, o conservou em custodia algumas horas!!

Como será possível, com exemplos taes, conseguir que a lei seja respeitada e a auctoridade obedecida?

Estes factos, e o mais que tenho referido e os meus illustres collegas em correspondencias anteriores, provam em demasia a incompetencia do sr. Padua para administrar este concelho, onde s. exc.^a não tem nem sympathias, nem força moral, nem prestigio.

Aqui nem ha segurança individual nem garantia de direito de propriedade. Ambas estas preciosidades batem em retirada pela incuria e desmazelo do sr. Padua, que é o primeiro a favorecer e a desculpar os desordeiros. W.

DECLARAÇÃO.

Declaramos que são dous os cavalhei-

ros de Villa Verde que, como nossos correspondentes, collaboram n'esta secção.

NOTICIARIO

Os caceteiros.— O sr. conde de Bertandos e grande numero de cidadãos independentes que estavam reunidos em sua casa, foram prevenidos ante-hontem ás 10 e meia horas da noite de que proximo da capella de S. Sabastião das Carvalheiras estava reunido um bando de caceteiros, assalariados por influentes da candidatura governamental.

Os ditos cidadãos com o sr. conde de Bertandos á sua frente foram immediatamente a casa do sr. governador civil convidado a ir surprebender os caceteiros, prendel-os e averiguar quem os tinha assalariado.

O sr. governador civil, acompanhado por todos os ditos cidadãos e por mais algumas pessoas que se achavam em sua casa, foi ao encontro dos caceteiros, e ouviu da bocca d'elles, depois de perguntados com insistencia, que fóra o sr. Alves Passos quem os assalariara!!!

O sr. governador civil declarou então diante de todos: «agora estou convencido».

Mas s. ex.^a em vez de mandar para a cadeia, como lhe foi requerido em nome da lei, aquelle bando de malfiteiros assalariados, contentou-se com mandal-os embora, declarando-lhes que se repetissem o facto então seriam presos!!

Isto não se comenta! O Código Penal e a Lei Eleitoral são letrá morta, quando as suas penas vão ferir os sicarios assalariados pelos agentes da situação!!

Nós não estamos em Braga, estamos em Tunis ou na Abyssinia; não temos auctoridades, temos *bey's* ou *bachás*; não temos leis, temos o posso, quero e mando, temos a prepotencia e a tyrannia, temos enfim o cacete a ameaçar-nos!!!

O sr. governador civil tinha terça feira prometido aos cidadãos que ante-hontem foram a sua casa e a muitos outros, *que tomaria todas as providencias para mais não haver caceteiros*; mas s. ex.^a com o seu administrador, com toda a sua policia, com um regimento de infantaria e um destacamento de cavalleria á sua disposição, nem pôde impedir que caceteiros andassem na cidade, nem sequer descobri-los quasi debaixo das janelas de sua casa!!

E os cidadãos independentes que se empenham pela candidatura do sr. conde de Bertandos, simples particulares, sem disporem de policia nem de força publica, foram buscar o sr. governador civil e fazer-lhe vêr e saber o que s. ex.^a, com todos os recursos d'auctoridade, não sabia nem tinha visto, segundo declarou!!

Que contraste! Veja-o bem o sr. governador civil, e meça-lhe todo o alcance.

Sr. governador civil, porque foram supprimidas na penultima noite as patrulhas de cavalleria, que andaram na noite antecedente em virtude das providencias que lhe foram pedidas na terça feira?

Será mentira? Sim senhor.— Insiste a *Regeneração* em que o sr. Antonio Brandão recusára a candidatura de Braga, a qual lhe fóra offerida, e para provada sua affirmação assevera, que s. ex.^a escrevera a seu tio José Lima uma carta a este respeito, em que declarava não acceitar. Isto é engraçadissimo, porque torna as cartas particulares entre parentes, documentos politicos, e á primeira vista parecerá ao leitor, que o exm.^o tio do nosso patricio era na data da carta, ministro do remo, ou pelo menos governador civil de Braga, com auctoridade para offerer candidaturas.

O mais notavel porém é que a tal carta não diz, o que a *Regeneração* affirma, como os leitores passam a vêr de uma cópia, que extrahimos integralmente do original, que ha dois dias está em nosso poder, e que nos foi devidamente confiado. Quem quizer, pôde procurar n'esta redacção o dito original para ser examinado.

«Lisboa 8 d'Abril de 1875

MEU CARO TIO

Muito lhe agradeço o interesse, que toma pelas minhas coisas e igual agradecimento peço transmitta ao sr. desembargador Amaral. Entremos no assumpto, de que ambos tiveram a bondade de se occupar.

Algumas correspondencias de Braga e jornaes d'aqui tem noticiado que eu sou o candidato por Braga, ma. estes boatos não

tem outro fundamento, senão as vozes d'alguns amigos e conterraneos, que sabendo, que passo os invernos em Lisboa, naturalmente se lembram, de que o ser deputado me conviria. A tudo isto tenho sido estranho, porque, não desejando envolver-me nas peripecias d'uma lucta eleitoral, travada junto da'urna, ou nas ante-camaras dos ministros, sómente me conviria acceitar a honra de ser representante da minha terra, unicamente no caso de que a opinião publica forçasse o governo e os influentes e mandões, a indignarem-me como candidato. Para andar a fazer de pretendente não tenho geito, e espero, que Deus me livrará de desgastar as escadas das secretarias, pedindo para mim. Depois, sabido deputado por esses meios, aliás muito communs, e que eu não chego a censurar, sentir-me-lia pouco á vontade, e sem a força moral, que dá, em todas as situações, a independencia e a isenção de caracter.

Effectivamente em Braga pronuncia-se um grande movimento contra os candidatos de fóra, mas o governo, pouco se importa com isso, e o Barjona já combinou com *alguem* de Braga, que o candidato fosse um tal Lopo Vaz de Sampaio. Este sujeito convem mais aos mandões, porque visto ser de longe, nenhuma partilha terá na influencia local. O meu tio sabe, que não tenho ambições politicas, e então minha mulher ainda menos gosta d'estas coisas, porque se lembra das mortificações, que o Joaquim Torres soffreu com a politica. Deixemos pois correr os acontecimentos e Deus tudo fará por melhor. Sube que o Wenceslau tem sido um optimo estudante, e por isso o felicito. Muitas lembranças da Laura e sou com a maior estima

Sobrinho mt.^o affeiçãoado e obrigado

ANTONIO BRANDÃO.

Esta carta prova: 1.^o que Lopo Vaz já em Abril estava escolhido como candidato. 2.^o que o sr. dr. Brandão não só não foi convidado, mas nem o podia ser, visto estar feita aquella combinação. 3.^o que o sr. dr. Brandão, isento d'ambição politica, nem procurou, nem recusou a dita candidatura.

Escarneo.— A *Regeneração* insulta o sr. governador civil e os seus amigos, na *ultima hora* que publica em letras gordas.

Que tristissima posição a do sr. governador civil! Até a *Regeneração* lhe cospe na cara!

Comedia policial.— Os bandos de maltrapilhos estomeados e de assassinos assalariados, a quem os amigos do governo deram na segunda-feira á noite posse d'esta cidade, receberam antes de hontem o *pret*, pelas 6 horas da tarde, no Areal, na taberna de José Valença, onde beberam á descripção, e d'alli grande parte d'elles seguiram para Guadalupe, onde estiveram comendo á tripa-fórta, e declarando a quem queria ouvir que tinham ordem franca para gastar o que quizessem, e, em continuada orgia, por alli estacionaram até ás 10 hor's da noite. Em quanto isto se fazia, com conhecimento de toda a cidade indignada, representava-se a comedia policial, rondando os dois pseudo-empregados de policia Costa e Alves as immedições da casa do sr. conde de Bertandos, fingindo que andavam a fazer a policia, mas cuidando só de seguir e espionar os passos dos cavalheiros que saham da casa do sr. conde. O administrador do concelho, que na noite de segunda-feira se recolhera a bastidores com a policia, cedendo todo o campo aos maltrapilhos, investidos de plenos poderes, que só mettem o nariz na scena para lhes dizer as palavras acima citadas, desempenhava antes de hontem um dos principaes papeis da comedia, percorrendo *solicito* algumas ruas, e exhibindo-se nos logares mais publicos, em quanto os seus amigos do cacete se estavam banqueteados.

Ante-hontem foram supprimidas as patrulhas de cavalleria, e quando o bando dos caceteiros assalariados pelo sr. Alves Passos estacionava nas immedições da casa do sr. governador civil, estava á porta de s. ex.^a o sr. administrador do concelho com dois empregados de policia, para a continuação da comedia; o desfecho porém não pôde ter logar por serem os caceteiros surprebendidos por uma duzia de cavalheiros que os atterram, tendo o sr. administrador de escapullir-se pela rua do Alcaide.

A ruína é certa.— Se estes homens continuam á testa do governo; se o paiz os não expulsa do poder, como fez em 1868, é inevitavel a ruína do thesouro; e quem ha de pagar as larguezas que um governo, re-

conhecidamente perdulario, faz ás mãos cheias é a magra bolsa do contribuinte que tira do seu trabalho e do suor o pão de cada dia!! O futuro lhe dirá se mentimos.

A divida fluctuante, que já passa de 4 mil contos de réis, não acabará este anno que não chegue a seis mil!!

E que fez o governo ao enorme emprestimo que contrahiu de 28 mil contos, valor nominal, para extinguir a que havia?

Tudo já lá vae, tudo se sumiu no sorvedouro das prodigalidades d'um governo sem tino, porque a divida fluctuante está outra vez na cifra que acima dissemos!

E é este governo de charlatões disfarçados que prometteram na sua sobida ao poder acabar com a nossa divida publica, annunciando emphaticamente um saldo a favor do thesouro de 27 contos de réis, que ha de salvar o paiz da ruína do thesouro? Não, não pode ser! A divida fluctuante e o *deficit*, nutrido admiravelmente, contradizem a inepta prophacia governamental.

E nem podia deixar de ser assim quando temos um governo, que sem o menor respeito pelo parlamento se arroga a faculdade de ter em pé de paz um exercito de 32 mil homens, praças de *pret*, segundo dizem os jornaes, e a fazer despezas improductivas e completamente inuteis, como são o celebre navio couraçado, por aleanha o *Pimpão*, que custou centos de contos de réis, e os presentes que o governo faz aos amigos de centenas de contos, que bem podia utilizar para o thesouro, e outros muitos desperdícios que seria longo enumerar.

Mas o que sobre tudo revolta e indigna toda a gente, é a teima do sr. ministro da guerra de conservar nas fileiras do exercito as praças da reserva sem motivo plausivel que a justifique, porque estamos em santa paz com todo o mundo; fazendo uma enorme despeza com ella e causando com o seu capricho louco um gravissimo prejuizo á agricultura e ás industrias pelos braços que lhe rouba.

Um governo como o que infelizmente preside aos nossos destinos, é o maior castigo com que a Providencia podia flagellar este paiz! Deus se amercie da nação portugueza!

Serviço do exercito.— Por decreto de 26 de maio ultimo, publicado no *Diario* de 5 de agosto, ficaram isentos do serviço do exercito os seguintes mancebos que recorreram ao supremo tribunal administrativo:

DISTRICTO DE BRAGA

João, filho de José da Silva, da freguezia de Aldreu, concelho de Barcellos.

Manoel, filho de Joaquim de Sá, solteiro, da mesma freguezia e concelho.

Manoel, filho de João Luiz Gandra, da freguezia de Frago, do mesmo concelho.

Manoel, filho de Maria Rosa, viuva de João Gonçalves Letras Duarte, da freguezia de Ginzo do mesmo concelho.

Joaquim, filho de Joaquina Ferreira, viuva de Bento da Costa Araujo, da freguezia de Martim, do mesmo concelho.

— Por decretos de 19 e 26 de maio ultimo, publicados no *Diario do Governo* de 4 e 5 de agosto, ficaram sujeitos ao serviço do exercito os seguintes mancebos que recorreram ao supremo tribunal administrativo:

DISTRICTO DE BRAGA

José, filho de Francisco José Ferreira, da freguezia de S. Verissimo de Tamel, concelho de Barcellos.

João, irmão de Rosa de Jesus de Oliveira, solteira, filha de Manoel José da Costa e Anna de Oliveira, da freguezia de S. Romão da Ucha, do mesmo concelho.

Francisco, filho de Antonio Gonçalves, da mesma freguezia e concelho.

Antonio José Pereira, filho de Anna Maria Vieira, da freguezia de Aboim, concelho de Villa Verde.

Manoel, filho de Domingos José da Costa e de Maria Joaquina, da freguezia das Carvalhas, concelho de Barcellos.

Manoel, filho de Antonio Gonçalves, viuvo, da freguezia de Santa Eugenia de Rio Govo, do mesmo concelho.

José Rodrigues, neto de Antonio, filho de José Rodrigues e Maria do Carmo, da freguezia de S. Bento da Varzea, do mesmo concelho.

José, filho de João José da Costa, da freguezia de Villar do Monte, do mesmo concelho.

Pedro, exposto, filho adoptivo de Mariana Joaquina, da freguezia de S. Verissimo de Tamel, do mesmo concelho.

Bernardino, filho de Manoel de Barros e Anna Gonçalves, da freguezia de Alvide, concelho de Cabeceiras de Basto.

COMMERCIO

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Resumo do activo e passivo d'este Banco, em 31 de julho de 1875

Capital social.....	1.200:000\$000
Dito actual (1. ^a serie emittida).....	600:000\$000
Dito realisado.....	185:300\$000
ACTIVO	
Accionistas.....	444:293\$730
Caixa, existencia em metal	13:891\$700
Letras descontadas, tomadas e a receber.....	52:331\$920
Emprestimo sobre penhores com hypotheca.....	4:746\$235
Devedores no paiz e no estrangeiro.....	6:000\$000
Creditos com cação.....	160:624\$561
Valores fluctuantes.....	90:643\$862
Despezas de installação, moveis e utensilios.....	38:318\$920
Despezas geraes.....	3:207\$795
	1:032\$926
	785:258\$669
PASSIVO	
Capital.....	600:000\$000
Cretores no paiz.....	107:912\$967
Depositos a praso fixo.....	32:233\$330
Depositos a ordem.....	41:045\$085
Lucros e perdas.....	4:067\$287
	785:258\$669

Banco Mercantil de Braga, 31 de julho de 1875.

Os directores,

João da Costa Palmeira
José Antonio Rebello da Silva

BANCO DO DOURO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

(SEDE EM LAMEGO).

Balancete em 31 de julho de 1875.

ACTIVO	
Accionistas: prestações a receber.....	52:400\$000
Letras descontadas.....	507:936\$066
caucionadas.....	139:517\$000
Emprestimos sobre penhores a camaras municipaes.....	77:405\$330
Agencias no paiz.....	14:794\$300
estrangeiro.....	32:533\$147
Operações a longo praso.....	1:439\$197
Contas correntes.....	82:038\$372
com garantia.....	540\$000
Papeis de credito.....	90:264\$627
Devedores diversos.....	84:080\$000
Efeitos depositados.....	37:999\$227
Despezas d'installação.....	14:345\$500
Moveis.....	2:643\$054
Caixa: existente em metal..	470\$180
	21:319\$510
	1.159:745\$707
PASSIVO	
Capital.....	900:000\$000
Depositantes a ordem.....	55:045\$027
a praso.....	454:085\$877
Cretores diversos.....	9:881\$862
Dividendo por pagar.....	6:068\$000
Cretores de efeitos depositados.....	6:068\$000
Fundo de reserva.....	14:345\$500
Lucros e perdas.....	8:188\$023
	12:131\$418
	1.159:745\$707

Lamego e casa do Banco do Douro, 7 de agosto de 1875.

Os directores,

Visconde d'Alpendurada,
Francisco Bernardino Pereira Guimarães.

AGRADECIMENTO E CONVITE

A commissão promotora do Monumento da Immaculada Conceição no monte do Sameiro, agradece a todos os ex.^{mos} senhores e senhoras que teem generosa-

mente concorrido com seus donativos para a feitura da estrada com direcção ao dito monumento, desde o Bom Jesus até a Mãe-d'Agua; bem como aos que para esse fim cederam gratuitamente seus terrenos.)

Por esta occasião convida aos exc.^{mos} snrs. e senhoras, que ainda não realisaram a entrega de seus donativos, tenha a bondade de verificá-la ao thesoureiro Antonio José Vieira Machado, Praça Municipal n.º 17, o mais breve que lhes for possível, porque o 1.º lanço arrematado está proximo de concluir-se e a commissão escaceia meios para realisar o preço ajustado. (148)

ANNUNCIOS

Ha uma casa no Campo Novo onde se recebem alumnos internos até á idade de 13 annos, e externos de qualquer idade que sejam, que saibam ler e se queiram habilitar para os exames de instrucção primaria, geometria e francez. Tambem se ensina a fallar e a escrever a lingua franceza aos alumnos internos que o desejarem. Quem pertender dirija-se ao Campo Novo n.º 17. (144)

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

DE LUCAS & FILHO

Escriptorio da empresa, rua dos Calafates 93—2.º

SUBSCRIPÇÃO PERMANENTE

Estão publicados 17 volumes de remanes originaes historicos, d'esta bibliotheca, contendo:

N.º 1. Os guerrilheiros da morte, por P. Chagas.—N.ºs 2, 3 e 4. A vingança do sargento, versão de P. Chagas.—N.º 5. A mascara vermelha, por P. Chagas.—N.º 6. O juramento da duqueza, por P. Chagas.—N.º 7. O anel mysterioso (scenas da guerra peninsular) por Alberto Pimentel.—N.º 8. A Porta do Paraíso (chronica do reinado de D. Pedro v) por Alberto Pimentel.—N.º 9. Mathilde, por D. Anna Maria Ribeiro de Sá, com um prologo de P. Chagas.—N.ºs 10 e 11.—Os fidalgos do coração de ouro (chronica do reinado de D. Sebastião) por M. P. Lobato, 2 vol.—N.º 12. O conde de S. Luiz, por D. Thomaz de Mello.—N.º 13. A familia Albergaría, por D. Guiomar Torrezão.—N.ºs 14 e 15. Lição ao Mestre, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, 2 vol.—N.º 16. A Queda d'um Gigante, por M. P. Lobato.—N.º 17. A Baroneza de La Puebla, por M. P. Lobato.

Está no prelo o n.º 18.—A Filha do Emir, romance original de Carlos Pinto d'Almeida. A empresa d'esta Bibliotheca deliberou abrir assignatura por volumes mensaes ou semanaes, ás pessoas que desejarem obter a collecção, para o que se estão reimprimindo parte dos volumes das edições que se acham esgotadas.

Assigna-se para esta Bibliotheca, em Lisboa, no escriptorio da empresa—Rua dos Calafates 93, ou em todas as livrarias.—Nas provincias em casa de todos os srs. correspondentes da mesma empresa.—Preço de cada volume 500 rs.

EDUCAÇÃO POPULAR

DIRECTOR LITTERARIO EDITORES
PINHEIRO CHAGAS | LUCAS & FILHO

SUBSCRIPÇÃO PERMANENTE

Está publicado o 1.º anno d'esta publicação, contendo o seguinte:

N.º 1. A guerra peninsular.—N.º 2. As cruzadas.—N.º 3. Os dramas do mar.—N.º 4. O ultimo rei cavalleiro.—N.º 5. Vulcões e tremores de terra.—N.º 6. Vidá de Jesus.—N.º 7. Guerra do Paraguay. N.º 8. Aljubarrota.

—N.º 9. Historia do corpo humano.—N.º 10. Os dramas celebres do amor.—N.º 11. O Marquez de Pombal.—N.º 12. Maravilhas da photographia.

12 volumes—2\$400 réis

As pessoas que quizerem assignar para o 1.º anno podem fazê-lo, recebendo um volume por semana.—Assigna-se em Lisboa em todas as livrarias, e no escriptorio da empresa, rua dos Calafates, 93.—Na provincia em casa dos srs. correspondentes.

Quem assignar para o 1.º anno e tiver recebido os 12 volumes, pertencem-lhe os dois brindes publicados, sendo o primeiro uma estampa em grande formato representando—A batalha do Bussaco. O segundo representa—A fugida da familia real para o Brazil, proximo á entrada dos francezes em Lisboa.

2.º ANNO

N.º 13. A guerra da Restauração. (Está no prelo.)—Por assignatura 160 réis.—Avulso 200 réis.

5, RUA DE S. MARCOS, 5
Vende papel pintado para guarnecer salas, lindissimos gossos, a principiar em 90 réis a peça.

MOU
BRAGA

5, RUA DE S. MARCOS, 5
Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade e preços muito resumidos.

MOU
BRAGA

5, RUA DE S. MARCOS, 5
Vende cimento romano para vedar agua, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

MOU
BRAGA

ARREMATACÃO

A requerimento de José Joaquim d'Almeida, viuvo, d'esta cidade, e pelo cartorio de Antonio Carlos d'Araujo Motta, á face do inventario por fallecimento de sua mulher, se tem de d'astear em praça voluntaria, e entregar se o preço convier, no dia 8 do proximo agosto pelas 9 horas da manhã, no tribunal da justiça, as quintas do Paço, e de Sandarão, sitas na freguezia de Semelhe, proxima d'esta

cidade, com vista para a cidade a estação da linha ferrea e d'esta para aquellas, a primeira descripta debaixo da verba n.º 332 no valor liquido de 8:322\$600 rs., a segunda descripta debaixo das verbas n.ºs 319 a 329 inclusivè e 331 no valor liquido de 6:672\$405 réis e ambas juntas já no lance de 12:500\$000 réis, maque se arrematarão juntas ou separadamente, como mais convenha ao inventariante, e tudo na fórma do seu requerimento. (129)

MADEIRA

Vende-se uma porção de madeira de nogueira, freixo, negrullo e platan. Quem pretender comprar, dirigir-se a casa de Mr. Chardron, em Braga. (127)

MASCARADAS

Recebem-se propostas até ao fim do corrente mez para oito bailes de Mascaras no theatro de S. Geraldo.

Os dias serão á escolha dos pertendentes. As ditas propostas recebem-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 69, e em Braga na fundição do Minho, travessa de S. João. (149)

DENTISTA

J. M. Pinheiro, cirurgião dentista da escola americana chegado a esta cidade, aonde pretende demorar-se algum tempo, offerece os seus serviços ao respeitavel publico em tudo que diz respeito á sua arte. Extrae, cura e concerta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com toda a perfeição, e cura todas as affecções de bocca provenientes da má dentição. Consultorio no campo de Sant'Anna n.º 1 B, 2.º andar. (134)

ALTA NOVIDADE

26 — RUA DO SOUTO — 26

(JUNTO Á RUA DE JANO)

CHAPELARIA ALMEIDA

Acaba de receber das melhores fabricas do Porto, na ultima moda, grande e variado sortido de chapéos, de seda e de feltro, para homem, menino e senhora. — Bonita collecção de bonets, que tudo vende mais barato que em outro estabelecimento.

Fabrica, concerta e põe na moda, com perfeição qualquer chapeo que esteja nas circumstancias. (58)



Vende-se uma propriedade nos Piões, junto ás estradas de Chaves e Bom Jesus do Monte, a qual produz pão, vinho e algum azeite, e tem um bom tanque d'agua.

Tambem se vendem duas moradas de casas d'um andar, com os n.ºs 42, 42 A, 43, 43 A, em Santa Tecla, freguezia de S. Victor.

Os pretendentes podem dirigir-se a João Marques d'Oliveira, campo de Nossa Senhora a Branca n.º 60, ou á redacção d'este jornal. (116)

TYPOGRAPHIA LEALDADE

Rua Nova n.º 24.